

ANO 1 - N. 2 — Lisboa, 16 de Março de 1926

**Evaristo de Carvalho**  
Director, Editor e Proprietario

**Preço**  
**50 centavos**

Panfleto politico  
de publicação quinzenal

Administração e Oficinas  
Trav. das Mercês, 31

THE  
O  
F  
THE  
F

THE  
OF

THE  
OF

THE  
OF

THE  
OF



Compra

-4. SET. 21. 18

Evaristo de Carvalho

Director, Editor e Proprietario

# A FLECHA

Panfleto Quinzenal

N.º 2



# Assignaturas

Um ano	24	N. <sup>os</sup>	12\$00
Seis meses	12	N. <sup>os</sup>	6\$00
Tres >	6	—	3\$00

Pagamento adeantado



# VIDA NOVA!...

Antes de, propriamente, entrar no assunto que este numero de «A Flecha» vai tratar, seja-me permitido um pequeno devaneio, um pequeno e leve sorriso. Será um breve parentesis, talvez não inteiramente descabido. Mas, se o fôr, perdoem os leitores a pessima literatura com que o preenchi e tenham a bondade de passar adiante.

\*

\* \* \*

Manhã risonha, clara, luminosa. Ceu azul. O sorriso da Primavera começava a desenhar-se nos labios sensuais da terra que o sol, voluptuosamente, beijava, deixando, em cada beijo, uma flôr; em cada flôr, uma vida; em cada vida, uma alma; e, em ca la alma, um perfume que subia e se espalhava, suavemente, no ar. Como pequeninas e irrequietas chamas de ouro, as abelhas, nervosas, eletricas, ardentes. zig-zagueavam na onda gloriosa do sol, a cantar a doce e misteriosa musica das suas azas de diamante. Oh! a doce e misteriosa musica das abelhas! Que dirá ela — essa musica?! Que

sonho de luz será o seu?! Que extranho e inédito Wagner a terá concebido e orquestrado, prelibando as divinas e espirituaes doçuras do mel, perfumado e loiro — do mel. filho do sol, gerado no ventre de uma flôr?! E que suaves, delicados, purissimos e angelicos ouvidos a poderão ouvir, na extensão larga de todas as suas gamas, no universo dos seus acordes, no oceano, sem fim, das suas ondas de harmonia, onde ha sol e flôres e mel, tudo boiando, a sorrir e a cantar?!...

Manhã risonha, clara, luminosa. Ceu azul. Na sagrada collina do Olimpo que o sol doirava, á sombra de arvores floridas, proximo de múmuradas fontes de cristalina linfa, e sobre alfombras de macios musgos e aromaticos folhedos, os Deuses reuniram. E começaram a apreciar «A Flecha».

Apezar da estridente alegria da paisagem maravilhosa, da tepidez e encanto do ambiente, cheio dos filtros e caricias que vinham das vozes dos animais silvestres, do som mavioso das frautas rusticas dos faunos, do canto das aves, do zumbir dos insectos e do sussurro dos beijos que as flôres, as ervas, as aguas e as proprias rochas, entre si, trocavam — ambiente, apenas, propicio á festiva celebração dioniziaca das nupcias sagradas da luz, da côr, do som e das seivas despertas e triunfantes, a attitude dos Deuses era álgida, rigida, severa. Manifestamente, os Deuses estavam irritados. Caras sombrias. Caras de poucos amigos. E um disse, numa voz dura, má, fria, cortante, que fez gelar a alma ingenua dos ninhos e o riso alacre das flôres:

—«Não vi «A Flecha». Apenas, a senti. Somente o seu desagradavel e irritante sibilo me feriu o ouvido. Pareceu-me o sibilar de um látego, açoitando o ar. E tive a impressão de que ela havia sido lançada, sacrilegamente, contra nós!...»

— Sim, disse outro — que tinha por divisa, á semilhança da do Infante Dom Henrique, esta legenda franceza: *Talent*

*de rien faire* — sim, meus divinos colegas, eu posso afirmar, *carrément*, ser isso verdade. Mas, «o personagem» ilude-se. Por mim, respondo eu. E digo-vos que, se me pisam os calos...»

Os Deuses faliram. Os Deuses enlouqueceram. As suas mascaras de papelão, os seus trovões de lata, os seus esgares de ameaças, já não assustam. E, mesmo, aquela invocação dos calos, só faz sorrir.

«... se me pisam os calos...»!

Um iconocolasta que a ouvisse, não deixaria de perguntar:

— «Calos?! Mas quaes — dos pés ou das mãos?...»

Os Deuses faliram. Os Deuses enlouqueceram. O seu ocio desfaz-se em baba, mas essa baba já eles a não podem cuspir: recolhem-na, para dentro. E «A Flecha», sibilando, no ar, segue, audaz e intrepida, o seu rumo, determinado e certo...

\*

\* \*

A teimosia, fóra do ambito dos grandes e nobres sentimentos do coração, sómente será virtude, se fôr ponderada, raciocinada e inteligente. De outra maneira, não. De outra maneira, não elevará nem engrandecerá o homem e, antes, o fará rebaixar ao nivel de certos animaes, grandemente orelhudos, que, na escala zoologica, lhe ficam muito inferiores.

Em politica, não é licito, portanto, a ninguem, inscrever a teimosia em brazão e teimar, por teimar, fechar os olhos, não querer vêr.

E' dolorosa a evidencia? Embora. Não se negue a evidencia, por mais dolorosa que seja. Confesse-se, nobremente, o erro e procure-se emendá-lo. Só assim, se poderá fazer uma politica honesta, sã e com inteligencia, não com a inteligencia

que anda, por aí, aos pontapés, e que até as próprias pedras da calçada possuem, principalmente, quando se levantam, iradas e em revolta, contra a estupidez, os desmandos, os crimes e as vilanias de certos politicos, mas com a intelligencia larga e iluminada que, apoiando-se nas realidades, as saiba, depois, conduzir e orientar.

. . . . .  
A nossa politica, em materia de administração, nem sempre dá sinaes de vida. Umas vezes, anda e desanda. Mas, outras vezes, nem anda nem desanda — péga-se! Estica os membros dianteiros, inclina o corpo para traz e não anda, não arranca. Pode o chicote da vergonha, do pudor, de uma vulgar e comesinha probidade moral e mental, cair-lhe nos lombos, a fustigá-la, que, nem assim, ela arrancará. Teima, escouceia, mas não arranca. Finca mais, de cada vez, as mãos, no chão, abana as orelhas, teima, relincha, mas não arranca. E faz, depois, gala de se ter *aguentado*, muito tempo, no poder, embora parada e insensível a todas as chicotadas! Que passaram dias, que passaram meses, que passaram anos, e ela, *fixe*, sempre, a *aguentar-se*, no poder! Levanta o seu estandarte, e nele inscreve, orgulhosamente, este unico titulo de gloria: ter-se *aguentado*, muito tempo, no poder!...

. . . . .  
No céu pardo, cinzento, plumbeo, nem um clarão, nem um fulgor, nem uma estrela. Escuridão espessa, grossa, de se cortar á faca. Centenas de politicos teem passado pelo Terreiro do Paço, ascendido ás altas cadeiras ministeriaes — é certo que, muitos, levados pela mão cega do acaso — e a nossa situação economica e a nossa situação financeira e, até, a propria situação politica, continuam, desgraçadamente, na mesma. Tudo, na mesma, sempre! Todos os anos, *déficit*, no Orçamento! Todos os anos, mais contribuições e impostos, lan-



çados ás cegas e atrabiliariamente, sem tacto, nem senso, nem justiça, através de uma extensíssima, confusa, emaranhada legislação fiscal! Todos os anos, mais despesas publicas! Todos os anos, mais desperdícios! Todos os anos, mais desmazêlos, mais desorganização nos serviços do Estado, mais desprestigio do proprio Estado! Todos os anos, a mesma sonolencia da nossa diplomacia, o mesmo falatorio sôbre tratados de commercio que se não estudam, ou, pelo menos, se não fazem! Todos os anos, as mesmas reclamações do povo! Todos os anos, o mesmo grito, o mesmo clamor das estradas intransitaveis! Todos os anos, todos os meses, todos os dias, todas as horas, todos os minutos, a mesma intranquilidade, a mesma inquietação, o mesmo sobressalto, a mesma incerteza do dia seguinte, e a mesma prevenção dos quartéis, na contingencia dolorosa de uma revolução a explodir ou de uma revolução a sufocar!...

Vem isto desde 5 de Dezembro de 1917. Data maldita! Até lá, ainda tivemos a acção vigorosa e fecunda do Govêrno Provisorio. Teve erros. êsse Govêrno. Teve defeitos. Em algumas coisas, foi, talvez, rispido. Noutras, foi, talvez, mole. Mas foi êle que deu á Republica a sua nobre estructura juridica; e, a sua obra, nesta baixa-mar em que nos atascamos, só a poderemos ver, levantando, alto, a cabeça e, olhando para cima.

Em 1913, o sr. dr. Afonso Costa — um pigmeu por quem, hoje, ninguem daria uma cesta de cascas de alho — conseguiu o que, até aí, durante muitos e muitos anos, ninguem havia conseguido, e, depois, tambem nunca mais se conseguiu — o equilibrio do Orçamento Geral do Estado!

Esta audaciosa malfeitoria do sr. dr. Afonso Costa — lembro-me bem — rebentou como bomba de dinamite. E valeu-lhe logo, na occasião, muito justificadamente, não sei quantos centos de descomposturas, doestos, injurias, agravos.

O caso não era para menos...

Houve muito e honrado cidadão, maior, vacinado e, até, pae de familia, que, positivamente, ia estoirando de nobre, patriótica e chamejante indignação, contra o homem que se atrevêra a cometer um tão inclassificavel crime.

Negro tempo, esse! Calamitoso tempo, em que o céu da politica era escuro, como breu! O sr. Antonio Maria da Silva, glorioso sol do nosso universo politico, era, então, ainda um muito pequenino e quasi invisivel embrião de Estadista. Tamagnini Barbosa que, se não estou em erro, pretendeu, pouco depois da proclamação da Republica, fundar o Partido Radical, ainda não tinha dado as suas provas, como deu, mais tarde, no tempo de Sidonio...

Negro tempo, esse! Calamitoso tempo, em que o céu da politica era escuro, como breu! Nem uma estrela, nem um fogacho, nem um pirilampo! Apenas, o sr. Ginestal Machado começava a bruxelejar, muito vaga e timidamente, para os lados de Santarem...

Negro e calamitoso tempo — esse, em que se desenvolveu a acção do Govêrno Provisorio e em que o sr. dr. Afonso Costa <sup>(1)</sup> se permitiu o atrevimento de equilibrar as nossas finanças publicas!...

---

O sr. Dr. Afonso Costa acába de ser eleito presidente da Assembleia Geral Extraordinaria da Sociedade das Nações. E' um grande titulo de orgulho e desvanecimento para todos nós — portugêses.

Mas este grande titulo de gloria só nos poderia ser conferido na pessoa de um homem eminente. Só uma grande figura pôde ter capacidade para o ostentar. Presidir a Sociedade das Nações não é, positivamente, o mesmo que presidir, aí, a qualquer dos nossos Congressos politicos. Nem o mesmo, nem semelhante.

Só nos faltará, portanto, vêr diminuir o significado e a importancia do facto ou dar-lhe o character de mais uma pouca vergonha do sr. Dr. Afonso Costa. Ha neste paiz e nesta politica, topête para tudo! Topête, maldade e estupidéz!...

A politica da Republica, em materia de administração nem sempre tem dado grandes sinaes de vida. Umas vezes, anda e desanda. Mas, outras vezes, nem anda nem desanda : péga-se !

Porquê ?

Que signo maléfico e daninho, que fatidica constelação diabolica preside, no céu, aos infelizes destinos da nossa politica, na terra, que a faz, assim, tão esteril, raquitica e manca ?!

Defeito exclusivo dos homens ?

Não. Por muito grandes que sejam os defeitos dos homens — e são enormes — os da politica ainda são maiores. A causa, não deve ser, apenas, essa. E se queremos ser justos, teremos de separar, um pouco, o valor pessoal dos homens, do valor da sua acção e esforço politico.

A Republica tem-se manifestado impotente — não o ocul-temos — para resolver os grandes problemas de ordem nacional. Mas, a sua impotencia, de onde vem ?

Para mim, vem, principalmente, da péssima orientação que se tem imprimido á sua politica. Politica, á volta de homens ! Politica, á volta de vaidades assopradas ! Politica, á volta de predomínios eleitorais !

E' certo que, por vezes, excepcionalmente, ha, a necessidade de materialisar uma idéa, num homem prestigioso e eminente. Mas, não é o caso. A nossa politica quer lá saber de idéas ! Quer tanto saber disso, como quer saber de grêgo ! ...

Ha um unico pêso, capaz de sensibilizar a nossa balanca politica — é o pêso dos votos !

Votos ! ...

Exclusivamente para os cultivar, é que os Directorios exercem a sua acção. Função restricta de mais — não é verdade ? — Mas é essa a função actual dos Directorios ...

Votos ! ...

Por causa dos votos é que se inventam ministros de operabu-  
fa e se elegem deputados de papel pardo!...

Votos!...

Com votos é que sonham os grandes azes do nosso pro-  
fissionalismo politico! Votos! Votações! Chapeladas! Oceanos  
de listas! E, no fim, sae-se deputado! E, mais tarde, sae-se mi-  
nistro! Ser-se deputado, não é difficil. Ser-se ministro, ainda  
menos. Ser ministro é andar em fôfo e rico automovel do Es-  
tado, com o respectivo correio, ao pé do *chauffeur*, subir as  
escadarias do Terreiro do Paço e atravessar os corredores do  
Ministerio, por entre as venias respeitosas dos continuos. De-  
pois, o grande homem entra no seu gabinete, começa a assi-  
nar os papeis que lhe trazem os Directores Geraes e, numa  
ou noutra aberta, recebe as pessoas que o procuram. E' facil.  
Facil e muito bom para o figado...

. . . . .

A Republica não anda e, se anda, cambaleia...

Porquê?

Porque se fez regedorial e eleiçceira. Só tem olhos, sorri-  
sos, coração e o mais que se não diz, para o nobre e emperti-  
gado arrebanhador de votos. Toda a sua ação se desenvolve,  
dentro do quadrante restricto de um amor impetuoso, exage-  
rado, absorvente, pelo cacique. E, se dele quizer sair, não o  
poderá fazer, facilmente, em primeiro lugar, porque todas as  
suas energias as queima nas luctas violentas e exgotantes das  
chamadas questões de campanario; em segundo lugar, porque,  
os que a cercam, não comprehenderiam uma politica diferente  
da que, actualmente, se faz.

Comprimir despesas?

Sanear e moralizar o Orçamento?

Como?! Tornar-se-hia necessario sacrificar os amigos, os

compadres. os afilhados — toda a fina flôr e a nata, emfim, das suas influencias eleitoraes! Não podia ser...

Agitar ideias?

Como?! Os que a rodeiam conservar-se-hiam frios, apáticos, indiferentes. O sol do Ideal não é, positivamente, o doirado sol da sua eira. O Ideal não é, positivamente, a mola que lhes faz vibrar a actividade...

Estudar e debater os grandes problemas nacionaes?

Ora! Ora! Os grandes problemas nacionaes — os unicos que interessam, que fazem perder o sono e dar, na testa, violentas palmadas, a arrancar ideias — são os problemas das nomeações ou demissões dos Governadores Civis. Esses, sim! Esses, sim, senhor! Esses, é que são dignos de encher a cabeça de um autentico e verdadeiro politico e de a fazer aquecer, ferver e, até, rebentar. Foi o que, outro dia, segundo me informam, ia acontecendo ás cabeças — vejam os desastres que a politica pode ocasionar! — dos senhores parlamentares democraticos do distrito de Coimbra, entre os quaes, se contavam os senhores Gaspar de Lemos, Pereira Gil, Antonio Dias e Dias Pereira. A proposito da conveniencia ou inconveniencia de se dar a demissão ao Governador Civil daquele distrito, os referidos senhores travaram, entre si, uma tão áspera, esquentada e violenta discussão, que as cabeças lhes iam estoiando, colocando-os, á beira, mesmo, da sepultura, vitimas da apoplexia. Felizmente, não lhes succedeu mal nenhum. Só temos, por isso, que os felicitar e, aproveitando o caso para a instrução da nossa tese, passar adeante.

Julgamos ter demonstrado que a politica da República, confinada e apertada como o está, dentro do quadrante das exigencias, de character mesquinamente eleitoral, dos seus numerosos e variados mandarins, conta com poucas possibilidades de desenvolver outra ação, que não seja a ação elei-

goeira e regedorial que, hoje, tem. Tenhamos presente, sempre, o caso do Governador Civil de Coimbra que, por um triz, não fez estalar umas tantas cabeças...

E se tomarmos, em linha de conta, factores de ordem moral, nada para desprezar, e que emergem do desenvolvimento da acção de uma semelhante politica, a conclusão será a mesma.

A vergonhosa politica que se vem fazendo, atando, por um lado, as mãos do governo, incapaz, assim, de estudar e resolver os problemas nacionais, e, por outro lado, diminuindo-o, no seu prestigio e auctoridade, e, mesmo, achincalhando-o, só pôde produzir a indisciplina, a perturbação e a sublevação, nos espiritos.

Esse estado morbido dos espiritos tem-se patenteado bem.

Quem vive, em Lisboa, sabe o que isso é. Horas de incerteza e sobressalto. Os boatos, fervilhando e correndo. As caras, enfiadas. O pavor, enchendo o ar e pesando, como nuvem espessa e baixa.

Quem vive, em Lisboa, sabe o que isso é. Os ministerios refugiados no Carmo. O troar, sinistro e forte, do canhão. O ladrar, metalico e irritante, das metralhadoras. O crepitar estralejante da fusilaria.

Quem vive, em Lisboa, sabe o que isso é. E não pode deixar, por isso mesmo, de achar muito interessante o caso do Governador Civil de Coimbra, que enche as cabeças, eminentemente politicas, dos senhores dr. Gaspar de Lemos, dr. Pereira Gil, dr. Dias Pereira e dr. Antonio Dias — quatro doutores!

Céu pardo, cinzento, plumbleo! No Liceu Camões, desta cidade, <sup>(1)</sup> reuniu, ha dias, o Congresso do Partido Nacionalista. E o que vimos nós, estupefactos, com o coração, quasi a sufocar?!

O que vimos nós?

Coisa espantosa! Sob a vibração de palavras que eram

navalhadas, sob o desenho violento de gestos que fariam córar o mais rudimentar protocolo — o proprio protocolo das tabernas — irrompeu, formidavel, o tumulto! Feriu-se uma verdadeira batalha, com choque de vituperios, com injurias, cruzando-se! Bengaladas! Cadeiras, partidas! Tinteiros, pelo ar! Uma perna, fracturada! Ferimentos! Sangue!

Só não houve mortes!...

Duas vezes, os jornalistas, incumbidos pela Imprensa, da reportagem do Congresso, foram, por engano, barbaramente, espancados! Duas vezes, saíram. Duas vezes, voltaram, e, outras tantas, o sr. Ginestal Machado, de voz comovida e lagrimas nos olhos, lhes pediu mil desculpas!

E porquê — todo este pandemonio?

Porquê?

Por via de uma rixa de galos! Cristas, contra cristas! Ambições, contra ambições! Vaidades, contra vaidades! Ciumes!...

E o que vimos nós, mais, ainda?

Vimos esta coisa fabulosa, inacreditavel — o Partido Nacionalista, arvorar, nervosamente, como razão suprema da sua existencia, a bandeira da guerra e do odio ao Partido Democratico!

Antes da luta, durante a luta, depois da luta, uma unica palavra se pronunciou, defenindo a orientação partidaria, e essa palavra foi a da guerra e do odio ao Partido Democratico!

Céu pardo, cinzento, plumbéo, sem um clarão, sem um fulgor, sem uma estrela! Coração de Africa! Sertão incomen-

---

(1) Indica-se, precisamente, o local, para se não supôr que o facto se deu na Hotentocia.

suravel e inóspito onde, sómente, o som dos batuques, se espalha e rebôa, pelo ar!...

\*  
\*       \*  
\*

E não havemos nós de ter saudade — uma saudade infinita — das horas da Propaganda!

A Republica possuia, então, uma *élite* que se impunha, vitoriosamente. No Parlamento, a palavra que se ouvia, a que vibrava, a que deslumbrava, mesmo, pelo inédito fulgor — era a sua. Na cátedra e na tribuna popular, a mesma coisa. Na imprensa republicana, havia jornalistas. João Chagas dominava, soberanamente, no panfleto. As suas «Cartas Politicas» eram formidaveis. Precisão, justeza e elegancia de frase, incomparaveis! Raciocinio vigoroso. Logica, de ferro. A ironia, por vezes, a arranhar, sem, demasiadamente, ferir. O sarcasmo, por vezes, fulgurando, como o raio.

A grande literatura era nossa. Junqueiro era nosso. Gomes Leal era nosso.

A Republica tinha o prestigio do talento.

Não me digam que esse prestigio pouco valia! Que, mais do que êle, pesavam as chapeladas eleitoraes do Peral e da Azambuja!

Não me digam isso. Não. Não o digam, porque foi êsse prestigio que fez da Republica uma aurora e foi essa aurora que descendo aos olhos e ao coração do povo, tornou possivel o 5 de Outubro.

A palavra Republica andava nas nossas bocas. Mas traziamola, tambem, no coração e, quando a Monarquia caiu, ela enchia já, de norte a sul, a atmosphera. Era, já, uma palavra invencivel. Era, já, uma palavra que trazia, dentro de si, uma



idéa victoriosa. E tanto, que, em 5 de Outubro, quando ela se proferiu mais alto, a Monarquia não a contestou: fugiu!

Deixem-me recordar, mais uma vez, as horas da Propaganda, e delas tirar força e energia para esta campanha.

Horas soberbas! Vinhamos de uma velada de armas em que, sobre o altar da patria, tínhamos posto o coração. Crianças? Mas já tínhamos chorado lagrimas de desespero e fogo, pelo *Ultimatum* — o nosso batismo politico! A Republica fôra, então, o sonho da nossa desforra e esse sonho era como o sol, tão luminoso, que dele nos ficou, sempre, pela vida fôra, a arder no cerebro, uma pequenina mas inapagavel centelha.

Por isso, ainda, hoje, nos revoltamos. Ainda, hoje, nos irritam as interminaveis discussões sobre a nomeação ou demissão de Governadores Civis, eguais áquela que, ainda, ha dias, tão violentamente inflamou aqueles quatro ratões de Coimbra. Ainda sentimos grande pesar e magua por tudo quanto se passou no recente Congresso do Partido Nacionalista. Ainda não podemos deixar de verberar a politica actual da Republica que, a não mudar, por completo, de alto a baixo, a conduzirá, fatalmente, a um bêco sem saída. onde lhe estarão reservados lútuosos e tragicos dias.

Estas palavras não me saem da pena, levianamente. Antes, assim, fôsse...

\*

\*      \*

Conclusão:

A Republica precisa de adquirir, novamente, o seu poder de eficiencia. Continuar a sua obra, seguir o seu caminho, lamentavelmente, cortado, pelo Dezembrismo.

Um grande passo foi dado, já, é certo. A eleição do sr. Dr. Bernardino Machado não teve outra significação.

Na pessoa de Sua Excelencia concorrem dotes excepção-

nalissimos, não ha duvida. Uma extensissima e profunda cultura de espirito. Uma vastidão e uma agudeza de intelligencia, verdadeiramente, surpreendentes. Uma sagacidade penetrante. E, a par de uma rizeza de character e de uma elevação moral que subjagam, uma delicadeza, uma finura de trato e um encanto pessoal que fascinam.

Todas estas brilhantissimas qualidades, coexistindo dentro do mais perfeito equilibrio, o impunham para o alto cargo da Prêsidencia da Republica.

E, todavia, o grande significado da sua eleição, não foi, precisamente, o da consagração e aproveitamento das suas qualidades. Essa eleição teve um significado maior. Foi outra coisa. Foi o reatar de um laço desatado. Foi a afirmação de que reentrariamos no caminho perdido. Era o sr. Dr. Bernardino Machado o mais alto representante da Nação, quando o perdemos. Sêlo-hia, novamente, quando o reencontrassemos.

Mas para encontrar, novamente, o caminho perdido, o caminho do nosso ressurgimento financeiro e do nosso progresso moral e material, urge dotar a Republica com o poder de eficiencia que, ella já teve, mas, actualmente, não possui. E, para isso, torna-se absolutamente necessario refundir a nossa mentalidade politica, acabando, de vez, com o cacique, o regedôr, o galopim e, consequentemente, com o regimen de campanario e de incompetencia em que vivemos. Nada de politica pessoal! Nada de politica, em volta dos Governos Civis! Nada de bandos, em volta das cristas vermelhas dos galos! Nada disso!

Pelo contrario — Vida Nova! ...

*Evaristo de Carvalho*

---

### AGRADECIMENTO

*À Imprensa que teve a gentileza de anunciar o aparecimento de «A Flecha» e de nos dirigir palavras amaveis, o nosso maior agradecimento.*

E. de C.

LIBRARY  
OF THE  
MUSEUM OF  
COMPARATIVE ZOOLOGY  
AND ANATOMY  
HARVARD UNIVERSITY  
CAMBRIDGE, MASS.

Composto e impresso  
**TIPOGRAFIA FORMOSA**  
Rua do Seculo, 2-C, 1.º  
**LISBOA**